

Habitar fronteiras

Maria Carolina Accioly de Carvalho e Silva

Maria Carolina Accioly de Carvalho e Silva é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Resumo O artigo evoca a ideia de fronteira como um possível lugar de encontro e trânsito entre diversas perspectivas e narrativas a partir da costura entre sonhos, livros de ficção e alguns debates contemporâneos que atravessam também a psicanálise, como o contracolonialismo e o ecofeminismo.

Palavras-chave fronteira; psicanálise; sonho; alteridade.

DOI: 10.70048/percurso.73.91-98

1 E. Brum, *Banheiro Okotó – Uma viagem à Amazônia centro do mundo*.

2 A. Mbembe, fonte não localizada.

3 Sonhei uma vez que andava numa densa mata, e minhas pernas, depois de tanto andar, começaram a aderir ao solo, se enraizavam na terra, e estranhamente não me apavorei; esse sonho me remeteu ao livro que lia na época *A vegetariana* (história ficcional de uma mulher que vive a desterritorialização psíquica e corporal como uma transmutação vegetal). Cito: “fiquei de cabeça pra baixo e então folhas começaram a nascer do meu corpo e raízes das mãos... As raízes foram se cravando na terra, mais e mais e infinitamente... e como estava a ponto de nascer uma flor no meio das minhas pernas, eu as abri, as abri completamente, mas...” (H. Kang, *A vegetariana*, p. 121).

*reconhecer as margens como aquilo que são: centros de resistência contra todas as formas de morte e de criação de vidas possíveis, mesmo no impossível. A margem não como exclusão, mas como insurgência.*¹
[E. Brum]

*Aquilo que muitos se recusam a admitir é que, no fundo, somos feitos de pequenos empréstimos de sujeitos estrangeiros e, conseqüentemente, seremos sempre seres de fronteira.*²

[A. Mbembe]

Durante o isolamento devido à pandemia da COVID, tive uma série de sonhos onde eu estava numa floresta. Procurando saída, buscando refúgio, sendo floresta³. Por vezes com medo, outras querendo adentrar, habitar. Os enredos dos sonhos variavam, mas o interessante era a permanência daquele ambiente que eu visitava muitas noites. Quando em 2020 a pandemia começou, já no meio do governo de extrema direita, destrutivo e genocida, o mundo e meu corpo (e ao falar de corpo falo, por suposto, de corpo pulsional, não separado do psiquismo) já estavam em contato com a sensação de caos. *E ela iria adensar-se em tudo que é vivo.*

Neste período li alguns livros que se conectavam com meus sonhos, não apenas como restos diurnos, mas também por abarcarem um certo *descentramento* que esboçava outros contornos tanto oníricos como nos pensamentos em vigília e coletivos. Inclusive muitos dos personagens dos livros relatavam sonhos. Alguns desses livros falam de algo percebido como um enlouquecimento de mulheres. Mulheres produzindo sintomas, sonhos ou discursos incompreensíveis pela lente patriarcal, ou compreendidos enquanto psicopatologia.



*a fronteira não pensada
binariamente como um limite entre
territórios, mas de forma
mais complexa*

Os livros não seguiram um encadeamento planejado, mas desenharam um percurso – assim como a escuta numa análise.

Um desses livros, dos mais marcantes, foi *Escute as feras*, da antropóloga Nastassja Martin. A autora narra um acontecimento, o encontro com um urso numa floresta na Sibéria, e reflete sobre a própria experiência de *fronteira entre* mundos supostamente separados. Essa experiência de *descentralizar* e de *estranhamento*, que inclui apontar alguns limites de conceitos conhecidos e aceitos como verdades, é um ponto que me interessa abordar aqui.

O estranho, inquietante, infamiliar é, segundo Freud, “aquilo que angustia”, “uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho e conhecido, há muito íntimo”, algo que “deveria permanecer em segredo, oculto, mas veio à tona”, como um duplo⁴ cindido que nos habita e emerge provocando essa estranheza familiar. O efeito do estranho se mostra quando “as fronteiras entre fantasia e realidade são apagadas”⁵.

A palavra fronteira representa, num primeiro momento, uma borda de separação. Habitar a fronteira ao invés de atravessá-la ou erguê-la é para mim a imagem mais pessoal e coletiva dos últimos tempos. Habitar o entre, escutar os efeitos dos atravessamentos plurais e inacabados, abrir espaço para novas narrativas e para as que foram apagadas ou recalçadas, desconstruir as estruturas de pensamento e poder hegemônicas. A fronteira não pensada binariamente como um limite entre territórios, mas de forma mais complexa como um “lugar que possibilita o encontro”⁶, um lugar de trânsito, de transformação.

Psicanálise e suas fronteiras

A psicanálise surge escutando os sintomas neuróticos e os efeitos subjetivos da crise da modernidade ocidental. Escuta que dá voz às mulheres, aos sintomas histéricos, ao infantil, ao sexual, ao inconsciente. Emerge com a psicanálise a ideia controversa e enigmática de um sujeito cindido, pulsional, inconsciente, que não é senhor de si, que tem um lado irracional, sujeito que é constituído por instâncias psíquicas que entram em conflito (e acordos possíveis) entre si. Conceituamos a pulsão como conceito-limite, fronteira entre psiquismo e corpo. A psicanálise trabalha, poderíamos dizer, com o reconhecimento ético da alteridade, a dimensão do outro enquanto sujeito diferente de nós (alteridade no outro), assim como dos outros inscritos em nosso psiquismo, que nos constituem.

Deparamos com nossos ensurdecimentos históricos ao termos nos constituído como um pensamento e práxis relacionados ao sujeito moderno e pós-moderno ocidental, e, portanto, atravessados pelos ideais da modernidade (ciência, razão, liberdade, individualismo, família nuclear), do capitalismo industrial e capitalismo financeiro/neoliberal (acúmulo de capital, meritocracia, desempenho pessoal, propriedade privada) e do patriarcado (em crise desde o início da modernidade, mas com valores resistentes e conservadores, tais como o lugar hierárquico do pai na organização familiar, do monoteísmo como fé dominante, e do lugar de poder do homem branco na sociedade). E hoje sabemos mais nitidamente sobre um paradoxo visceral recusado: *a modernidade e a democracia ocidental se organizaram estruturalmente às custas do colonialismo e da escravidão*. Assim escutamos e nos confrontamos com esse desafio e essa convocatória de repensar nossa teorização, prática clínica e transmissão, assumindo que clínica e política são eixos intrincados.

Acostumamo-nos a manter um olhar hegemônico e hierárquico, delimitando os contornos do que seria um pensamento científico, civilizado, erudito. Bordas, margens, limites, contornos, fronteiras – tantas formas de figurar as separações e diferenças.



A partir dessa rede tecida por essas leituras, sonhos, interlocuções e escuta clínica durante esses últimos anos, essa experiência de habitar, borrar e expandir fronteiras intensificou-se. As fronteiras entre diferentes pensamentos e discursos – os ditos hegemônicos e os ancestrais ou emergentes; fronteiras entre os diversos seres vivos; fronteiras entre o dentro e fora, entre o eu e o outro, entre sujeito e objeto; entre vigília e sonho; entre loucura e lucidez; entre a psicanálise e outros ofícios e campos de pensamento, como a antropologia, a biologia, os saberes ancestrais dos povos originários, entre outros.

A inscrição da alteridade em diferentes perspectivas

Natassja Martin fala em *coabitação de mundos diferentes* na própria composição do corpo, ideia que *conversa* com a noção psicanalítica de que nosso psiquismo se constitui na relação com o outro, ou seja, somos habitados pela alteridade⁷ desde nossos primórdios. Falar que um pensamento conversa com outro, borrar fronteiras, muitas vezes preocupa psicanalistas (uma preocupação séria e consistente) em borrar o próprio campo da psicanálise, tão atacado desde o início. Provoco-me (e provoco-nos) a pensar que borrar fronteiras não

Natassja Martin fala em
coabitação de mundos diferentes
na própria composição do corpo

significa perder contornos, e sim escutar e acolher a diferença sem hierarquia e até ampliar e complexificar nosso pensamento e prática clínica. Remete-me ao que Winnicott delineou no conceito de espaço transicional, esse espaço necessário entre ilusão e realidade para que seja possível a cada pessoa construir seu psiquismo e sua capacidade autônoma de pensar. Winnicott refere-se a essa área como um lugar psíquico de descanso, um *entre* o subjetivo e o percebido objetivamente, “uma região intermediária de experimentação, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa”⁸.

Eliane Brum, no impactante e necessário livro *Banzeiro Okotó*, fala desse acontecimento de *entre-mundos* ao viver o efeito da floresta no corpo, essa “overdose de corpo”, como ela chama. Ela traz a ideia de *transterritorializar*, que seria “atravessar territórios rompendo barragens e borrando fronteiras”⁹.

Martin, ao sentir que perdeu seu lugar discriminado enquanto humana por estar invadida e habitada pelo outro – urso, procura um *entremeu*, um lugar para se reconstituir, um recolhimento, pois ela sabe que será necessário construir portas e pontes entre os mundos. E “des-acomoda” ela pode sonhar e resgatar sonhos, pois “para sonhar é preciso estar deslocado”¹⁰.

Estranhamento, descentramento, “desacomodação”, deslocamento – palavras que evocam a experiência de fronteira, de encontro com o estranho que desacomoda, descentraliza e desloca o sujeito. Palavras que nos aproximam da experiência clínica ao escutar o incompreensível, o disforme, o inconsciente.

A família even que acolhe Martin compartilha com ela um saber, que nas florestas os humanos não são os únicos a pensar e escutar e que “há

4 O duplo seria uma manifestação do estranho – familiar que remete a essa inscrição primária da cisão entre eu e não eu, vivo e morto; como uma inscrição e ao mesmo tempo uma negação da morte, ou uma negação dessa alteridade (não eu) constitutiva.

5 S. Freud, *O estranho*, p. 93.

6 Sebastián Correa, membro da equipe da Escuela poética no proyecto diccionario (proyectodiccionario.cl).

7 Sobre o livro *Escute as feras* numa leitura sobre o encontro com o outro e a violência da assepsia (que tenta limpar os efeitos dos acontecimentos com o estranho), recomendo a fala de Luciana Pires no link <<https://www.youtube.com/watch?v=Fdh0OV5uclk>>.

8 D. Winnicott, “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”, in *Da pediatria à psicanálise*, p. 318. Winnicott conceitua os objetos transicionais e os fenômenos transicionais como essa “área intermediária da experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação objetal, entre a atividade da criatividade primária e a projeção do que teria sido introjetado, entre a não consciência primária da dívida e o reconhecimento da dívida” (p. 317).

9 E. Brum, *Banzeiro Okotó*, p. 262

10 N. Martin, *Escute as feras*, p. 82.



*a constituição do eu
e o reconhecimento de si
se organizam concomitante
ao reconhecimento do outro.*

aqui um querer exterior aos homens, uma intenção fora da humanidade”¹¹. Martin conta de um sonho no qual encontra um urso antes do encontro com o urso. E sua amiga/parente da família even diz que nem todos os sonhos são projeções, lembranças ou desejos, que existem sonhos que “estabelecem uma conexão com os seres do lado de fora e abrem a possibilidade de um diálogo”¹².

Pensar os sonhos como lugar de encontro com o outro, ou seja, como fronteira a ser habitada e vivenciada, me conduz ao livro de Hanna Limulja *O desejo dos outros – uma etnografia dos sonhos yanomami*, no qual a autora conta que “à noite é quando se sente saudade” e, portanto, é quando se sonha.

NA etnografia yanomami, “a noite é o momento do outro; e esse outro dentro da pessoa yanomami é a imagem, o *utupë*. Entretanto, esse outro não supõe uma dualidade, pois tudo o que afeta a imagem também afeta o corpo”¹³. Esse outro se refere:

à parte mais vulnerável da pessoa yanomami, a saber, a sua imagem. Assim o *utupë* se constituiria como esse outro dentro da pessoa yanomami que durante o dia permanece latente e que, com a aproximação da noite, passa a se manifestar mais livremente, alcançando sua independência no momento do sonho.

É interessante relacionar o modo de pensar e sonhar yanomami com a maneira que muitas teorias psicanalíticas trabalham a noção de alteridade, de sonho e de inscrição psíquica. Relacionar não como uma comparação, mas como interlocução ao escutar e ampliar a relação com o comum e o diverso nas formas plurais de pensar, imaginar, sonhar o mundo.

A constituição do eu e o reconhecimento de si se organizam concomitante ao reconhecimento do outro. O outro que nos habita refere-se desde as primeiras inscrições psíquicas que acontecem nas relações com os outros primordiais. As marcas mnêmicas das primeiras percepções, sensações e experiências do eu corporal¹⁴, as defesas primárias, as cisões que fundam o psiquismo. Esses outros primordiais exercem o que chamamos de funções parentais: relações identificatórias e amorosas constitutivas dos processos de “narcisização” (constituição do eu), “erogeneização” (constituição do corpo erógeno, pulsional) e transmissão geracional a partir inclusive da apresentação do mundo e da cultura. A identificação entendida como um processo complexo inconsciente de incorporação e metabolização do outro em nós, tecendo nossa trama identificatória. Depois da primeira infância as experiências, as relações afetivas e o contato com a alteridade seguem deixando inscrições e marcas identificatórias no psiquismo, ainda que não da mesma forma estruturante que as marcas primárias (a depender, claro, da intensidade das marcas e da singularidade de cada história).

O sonho é pensado como uma formação do inconsciente no qual as imagens oníricas representam, de maneira metafórica e metonímica, fantasias inconscientes, desejos realizados oniricamente, aos quais quem sonha não teria livre acesso a não ser pelas formações do inconsciente (formações de compromisso¹⁵ como os sonhos, lapsos, atos falhos, chistes, sintomas). Poderíamos dizer que também pensamos os sonhos como lugar de encontro com o outro que nos habita (o duplo, o estranho, o inconsciente)? E com o outro que nos afeta?

A ideia de que existe um trabalho de elaboração psíquica ao sonhar é compartilhada por diferentes concepções de subjetividade, por diferentes perspectivas¹⁶. Para os yanomami “o sentimento, bem como toda forma de conhecimento, antes de atingir a consciência passa pela imagem”¹⁷. Daí a importância de compartilhar os sonhos e de escutar e traduzir coletivamente a mensagem que o sonho traz.



O compartilhar sonhos, esse momento do sonhar que é relatar o sonho para alguém que te escuta, faz parte do trabalho psíquico de elaboração e de criação. Elaboração do material onírico interpretável, da experiência e da capacidade de sonhar¹⁸. Para além do trabalho intrapsíquico há uma dimensão intersubjetiva no sonhar. A formação do sonho traria “a marca do encontro com o outro”¹⁹, como propõe Kaës utilizando a imagem de uma trama polifônica²⁰.

Nesse livro de Kaës há uma citação de Freud²¹ que vem ao encontro do que nomeio aqui como habitar fronteiras. Quando Freud fala do

Anna Tsing também utiliza a figura da polifonia no conceito de assembleia polifônica como a reunião de múltiplos ritmos na produção de vida e de mundos

umbigo do sonho, desse lugar desconhecido que sempre resta na experiência do sonhar, ele usa a imagem do micélio como essa rede de pensamentos e imagens inconscientes da qual emerge o desejo do sonho (o cogumelo). Kaës fala em “micélio intersubjetivo”²² para pensar nesse segundo umbigo do sonho que seria um umbigo intersubjetivo e um espaço onírico compartilhado.

Nessa rede caótica entre meus sonhos pandêmicos, os sonhos dos outros que eu escutava (como analista ou não), e esses livros que me despertavam curiosidade, me encontrei com o pensamento da antropóloga Anna Tsing fígada pelo título do livro *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. Anna Tsing também utiliza a figura da polifonia no conceito de *assembleia polifônica* como a reunião de múltiplos ritmos na produção de vida e de mundos, como ela diz: “estamos cercados por muitos projetos de fazer-mundos, humanos e não humanos”²³. Nessa fronteira de encontros emerge a metáfora do micélio como essa rede rizomática que produz solo fértil para a criação de vida coletiva. Essa interconectividade se desdobra na ideia de coletivo²⁴, de alteridade e de fronteira como lugar de encontro.

A alteridade refere-se ao outro humano semelhante e o Outro como matriz simbólica. Para outras visões de mundo, como de alguns povos originários, a alteridade não delimita a familiaridade aos humanos. Os humanos não ocupam essa centralidade hierárquica em relação às outras formas de vida. O outro pode ter diversas formas viventes além das humanas e sem hierarquização. O rio pode ser um ancestral como um bom e generoso tio, por exemplo. Todos os seres

11 N. Martin, *op. cit.*, p. 77.

12 N. Martin, *op. cit.*, p. 83.

13 H. Limulja, *O desejo dos outros – uma etnografia dos sonhos yanomami*, p. 67.

14 S. Freud (*O eu e o id*) afirma que “o Eu é sobretudo um eu corporal; ele não é apenas um ser de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (p. 32).

15 Uma formação psíquica na qual o recalcado chega à consciência de forma deformada, satisfazendo no mesmo compromisso a defesa psíquica e o desejo inconsciente.

16 Como diz Viveiros de Castro em *Metafísicas canibais* ao defender a multiplicidade (deleuziana) em oposição à dualidade presente nos pensamentos que se supõe universais: “não há multiplicidade sem perspectivismo” pois “não há pontos de vista sobre as coisas, as coisas e seres é que são pontos de vista” (p. 117).

17 H. Limulja, *op. cit.*, p. 112. Essa descrição me remeteu ao próprio conceito de inconsciente psicanalítico, e mesmo às noções de representação-coisa e representação-palavra descritas por Freud.

18 Sobre o sonho enquanto experiência indico o texto: J. Pontalis, “Entre o sonho-objeto e o texto-sonho”, in *Entre o sonho e a dor*, Aparecida-SP, Ideias e Letras, 2005.

19 R. Kaës, *A polifonia do sonho: a experiência onírica comum e compartilhada*, p. 294.

20 Kaës recorre ao conceito de polifonia de Mikhail Bakhtin, termo emprestado da música, que se refere a um texto que contém uma pluralidade de vozes, discursos.

21 “Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido. Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação [...] estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo de pensamento. É de algum ponto em que essa trama é particularmente fechada que brota o desejo do sonho, tal como um cogumelo de seu micélio” (S. Freud, *A interpretação dos sonhos*, p. 507).

22 R. Kaës, *op. cit.*, p. 263.

23 A. Tsing, *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*, p. 66.

24 A palavra coletivo difere da ideia de massa. Segundo Jean Oury, “a lógica do Coletivo não é uma lógica de simples discursividade, não é uma lógica da serialidade, nem mesmo uma lógica de simples ‘gestalt’, mas uma lógica que respeita uma quase infinidade de fatores para cada um”. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/107621/106028>>.



Krenak fala

de “fricção de ideias”

e “ajuste de foco” para

pensar o momento atual

vivos, assim como a força viva dos elementos da natureza, podem ser considerados alteridades que compõem, habitam e se relacionam com cada ser.

Freud descreve o animismo²⁵ em *Totem e tabu* como um pensamento primitivo – o pensamento dito primitivo supõe uma pessoalidade, uma entidade, em seres ou fenômenos naturais que sabemos, cientificamente, não terem intenção subjetiva. Krenak, numa conversa instigante²⁶ com a Natassja Martin, provoca-nos quando diz que o xamã convoca o vento ou a chuva, que há uma relação entre os viventes. E que nesse momento a emergência climática faz com que os elementos da natureza retomem o poder. A provocação não é mística. Krenak fala de “fricção de ideias” e “ajuste de foco” para pensar o momento atual. Não se trata de discutir crenças, mas de tornar os conceitos temporários e vivos. Por exemplo, uma leitura contemporânea e científica sobre os seres vivos vegetais que achei interessantíssima e que li na época dos sonhos nas florestas é o livro *Revolução das plantas*, de Stefano Mancuso. Ele nos faz pensar na bioinspiração com os vegetais que, diferentemente do que já se supôs, têm memória, ou seja, um aspecto de inteligência. Ele se pergunta o que podemos aprender com elas, desestabilizando paradigmas, pois se os animais “superiores” funcionam a partir de um *sistema nervoso central* (e isso tem sido bioinspiração para tecnologias variadas, incluindo formas de governabilidade), as plantas funcionam de forma *descentralizada e coletiva*, possuindo uma memória celular e uma forma de manter vivos não apenas os indivíduos de cada espécie, mas também o coletivo ao redor, as outras plantas, o solo, o entorno. Uma inteligência que deveria de fato nos inspirar.

Habitar as fronteiras coletivamente

O reconhecimento tardio de que os pactos civilizatórios da humanidade foram feitos prioritariamente entre homens cis-gênero, heterossexuais e brancos e que nunca incluíram todes seres humanos²⁷ (tampouco os não humanos; seres terrestres, viventes) evoca uma convocação pessoal e coletiva a ativamente sermos atravessadas(es) por “novas” narrativas, ações e insurgências que possam ter esse efeito de *descentramento*, de desconstrução, de invenção de outros pactos civilizatórios.

Freud em *Totem e tabu*, esse “mito-científico” da psicanálise, diz que o pacto civilizatório se organiza num ato coletivo que instaura a Lei simbólica: o assassinato do pai tirano e o pacto entre os irmãos de sustentar uma lei que valha para todos. A hegemonia desse mito trágico do nascimento do sujeito e da cultura pela morte simbólica do pai (que deixa como herança a identificação pelos filhos com os atributos ideais da figura paterna) tem sido questionado em sua universalidade e atemporalidade. Que outras narrativas e mitos nos constituem?

A pergunta que insiste dolorosamente: seremos capazes e corajosa/e/os para refazer um pacto que inclua a pluralidade, a multiplicidade humana e de outras formas de vida?

O ecofeminismo, a luta antirracista, as lutas emancipatórias de um modo geral, emergem com potência e insurgência pulsional e política e assim se engendram enquanto lutas anticoloniais no sentido de poder fazer furos e desconstruir a lógica patriarcal, capitalista e colonial de exploração, dominação, submetimento e controle da alteridade (humana e não humana).

A emergência climática se apresenta como uma guerra política e por sobrevivência, como diz Brum, nos provocando a entrar em contato com o banheiro e escutar ativamente a urgência em nos tornarmos humanidades, *amazonizar-nos*. Esse processo passa pelo *deslocamento das centralidades* tornando, por exemplo, a Amazônia centro do mundo e as periferias centros de seus territórios urbanos; implica também deslocar as centralidades em outros campos – como raça, sexo, gênero, espécies.



*a psicanálise tem uma
função ética de escutar a fissura
provocada pelo que há de singular
nas insurgências*

A psicanálise é um ofício no qual teoria e prática se articulam na escuta singular do sujeito psíquico, esse sujeito dividido, pulsional e plural – como gosto de dizer: um sujeito-sexual-político. O singular e o social (coletivo) são trançados na constituição subjetiva.

Tamy Ayouch, num ensaio publicado pela editora N-1 (numa seção dedicada à decolonização da psicanálise), nos provoca:

Por qual ponto cego, por qual narcisismo defensivo um/a analista evacua de sua escuta os efeitos psíquicos dessas questões sociais e políticas? *Que violência social, vivida cotidianamente pelas/os analisantes, então, se perpetua no consultório da/o analista quando ela/e escamoteia, assim, as relações de discriminação por trás de um sujeito do inconsciente apolítico e universal?* (grifo meu).²⁸

Penso que a psicanálise tem uma função ética de escutar a fissura provocada pelo que há de singular nas insurgências, de sustentar essa escuta

da emergência do inconsciente, do desconhecido, do pulsional, a “encruzilhada da alteridade”²⁹, sem patologizar nem normativizar as formas de viver e de sofrer.

Pensando na escuta clínica, lembro a situação que Natassja Martin passa nos hospitais que a atendem depois do acontecimento com o urso. Diante da desajeitada intervenção de uma psicóloga que, diante do rosto dilacerado de Natassja, diz que o rosto representava a identidade, Natassja pensa em tantas narrativas que ela vem escutando em suas investigações com outros povos sobre “as presenças múltiplas que podem habitar um mesmo corpo – para subverter o conceito de identidade unívoca, uniforme e unidimensional. A questão da identidade e da alteridade na (re)constituição subjetiva”. Ela relata:

Só sinto medo, medo de tudo aquilo que não voltou a se fechar em mim, de tudo aquilo que potencialmente se insinuou em mim. Há outros seres à espreita na minha memória; então talvez também haja alguns debaixo da minha pele, nos meus ossos. Essa ideia me aterroriza, porque não quero ser um território invadido. Quero fechar minhas fronteiras, expulsar os intrusos, resistir à invasão. Mas talvez eu já esteja sitiada. É sempre a mesma coisa. Diante de pensamentos assim, eu afundo: sei que, para fechar minhas fronteiras, seria preciso antes poder reconstruí-las.³⁰

De fato, estamos numa encruzilhada. O projeto de decolonizar a psicanálise, ou melhor, contracolônizar, como propõe Nego Bispo³¹ (a psicanálise, a cultura, o inconsciente), é e provavelmente será um caminho trabalhoso, com emergências inevitáveis de mal-estares, e também, assim espero, com lampejos de desejo, alegrias e devires.

25 Dunker, no texto “Animismo e indeterminação em ‘Das Unheilige’”, in *O infamiliar e outros trabalhos*, fala do lugar hierárquico em Freud entre totemismo (que integra um sistema de transmissão simbólica) e o animismo (sistema de crenças narcísicas e infantis que deveria ser superado pelo ser humano adulto). Segundo Dunker, “o animismo, especialmente em sua forma perspectivista, baseia-se em um sistema de ontologias móveis ou também chamado de múltiplas naturezas” (p. 207).

26 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ChUjJiLCdxs>>.

27 Utilizo aqui a linguagem neutra ainda que não a tenha utilizado em todo o texto, como um exercício de fronteira e trânsito linguístico.

28 T. Ayouch, “A psicanálise é o contrário da exclusão”. Disponível em: <<https://www.n-1edicoes.org/>>.

29 L. Simas e L. Rufino, no texto “Encruzilhadas”, falam em “cruzamentos de caminhos” e propõem, “ao invés da expulsão, a libertação dos demônios” (p. 21). A imagem da encruzilhada e de Exu tem emergido em muitos espaços, assim como foi trazida por Deivison Faustino (no percurso de formação antirracista destinado aos professores dos cursos do Departamento e aos membros do GTEP coordenado por ele e por Isildinha Nogueira) e me remeteu a esse texto de que gosto muito. Também indico o texto de David, Villas-Boas e Moreira no qual a encruzilhada é definida como “esse lugar de decisão, de possibilidade, de encontro, entroncamento, distanciamento, conflito, de impasse, e também de perigo”. (“Por uma psicanálise antirracista: a psicanálise na encruzilhada”, in *A psicanálise na encruzilhada, desafios perante o racismo no Brasil*, p. 76.)

30 N. Martin, *op. cit.*, p. 39, p. 47.

31 Antônio Bispo dos Santos, popularmente conhecido como Nêgo Bispo, foi um filósofo, poeta, escritor, professor, líder quilombola e ativista político brasileiro.

Escutar os sonhos, os sintomas e as falas em associação livre como a psicanálise propõe foi e ainda é um modo de pensar e fazer clínica revolucionário e não hegemônico. Trabalhamos

nesse território invadido do sujeito psíquico, também como descreve acima Martin, que precisa ser habitado e contornado, costurado, reconstruído.

Referências bibliográficas

- Brum E. (2021). *Banzeiro Okotó – Uma viagem à Amazônia centro do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- David E.C.; Villas-Boas P.; Moreira L.S. (2021). Por uma psicanálise antirracista: a psicanálise na encruzilhada. In *A psicanálise na encruzilhada, desafios perante o racismo no Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- Freud S. (1919/2019). O infamiliar. In *O infamiliar e outros escritos*. (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. (1912-1913/2012). *Totem e tabu*. Obras completas v. II. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1923/2011). *O eu e o id*. In *Obras completas v. 16*. São Paulo: Companhia das Letras.
- 98 Kaës R. (2004). *A polifonia do sonho: a experiência onírica comum e compartilhada*. Aparecida-SP: Ideias e Letras.
- Kang H. (2018). *A vegetariana*. São Paulo: Todavia.
- Limulja H. (2022). *O desejo dos outros – uma etnografia dos sonhos yanomami*. São Paulo: Ubu.
- Martin N. (2021). *Escute as feras*. São Paulo: Ed. 34.
- Simas L.; Rufino L. (2018). Encruzilhadas. In *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro, Mórula.
- Tsing A. (2022). *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: n-1 edições.
- Viveiro de Castro E. (2018). *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu.
- Winnicott D. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Imago.

Inhabiting borders

Abstract The article evokes the idea of a border as a possible place of encounter and transit between different perspectives and narratives based on the seam between dreams, fiction books and contemporary debates that also permeate psychoanalysis, such as counter-colonialism and eco-feminism.

Keywords border; psychoanalysis; dream; otherness.

Texto recebido: 08/2024.

Aprovado: 09/2024.